

RESENHAS

Uma introdução ao debate político: os caminhos para a esquerda socialista brasileira

Guilherme Henrique Piaz Paslauski¹

Resenha de: MATTOS, Marcelo Badaró. *Sete Notas Introdutórias como contribuição ao debate da esquerda socialista no Brasil*. Rio de Janeiro: Consequência, 2017. 184p.

O texto propõe apresentar novas questões e contribuições ao debate sobre a esquerda socialista brasileira. A obra torna-se uma leitura fundamental para quem está procurando compreender os movimentos da esquerda socialista no Brasil. Os jovens que iniciam sua caminhada na militância estudantil tem na obra grande aporte ao ingressar em movimentos de luta coletiva, afinal: “*Ninguém é capaz de resolver os dilemas que enfrentamos a partir de elaborações individuais*” (p. 9)..

O livro de Marcelo Badaró Mattos que é dividido em sete Notas, diferente dos seus textos historiográficos e estudos empíricos mais aprofundados, trata-se de um texto de caráter ensaístico, introdutório, como o próprio título já nos apresenta e Mattos afirma: “*Seu formato é o de sínteses, as mais objetivas possível, daí seu caráter introdutório*” (p.10). Cada uma das Notas apresenta um panorama histórico sobre o debate da esquerda socialista no Brasil e contribui ao debate atual sobre o tema. Ao mesmo tempo, busca discutir importantes momentos históricos dos movimentos de classe ocorridos na Europa do século XX, sobretudo o peso histórico das experiências revolucionárias alemã e russa.

Ao tempo em que Mattos introduz temas relevantes ao debate que a esquerda socialista precisa discutir, recoloca outros, que durante muito tempo foram deixados de lado e que precisam ser reinseridos no debate atual, como a importância do partido político, mas “*reconhecendo, entretanto, que é impossível pensá-lo fora do movimento mais amplo da classe*” (p. 107). Apresentado no formato de sínteses e de caráter introdutório, a obra não segue uma estrutura tradicional de livro, as Notas podem ser contempladas individualmente, ao mesmo tempo que, tornam-se indissociáveis, pois dialogam entre si, o que transforma a leitura de todas elas necessária para extrair ao máximo as propostas contidas em cada Nota.

Para iniciar o debate com a esquerda socialista brasileira, na compreensão de Mattos, primeiro precisa-se entender o desenvolvimento do capitalismo brasileiro. Logo, a primeira Nota não poderia discutir outro ponto que não fosse o Capitalismo no Brasil, destaca que o Brasil em sua história recente, possui o 7º maior Produto Interno Bruto (PIB) do mundo, integra assim, as 10 maiores economias mundiais,

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, na linha de pesquisa Estado e Poder.

mas aponta que a análise de dados frios sobre o PIB, revelam pouco sobre as relações econômicas, mas podem servir de ponto inicial para o debate que procura privilegiar nas suas Notas subsequentes (p. 13).

No que diz respeito ao desenvolvimento do Capitalismo brasileiro, enfatiza que o Brasil, mesmo estando entre as 10 maiores economias do mundo, e possuindo uma economia capitalista desenvolvida, está entre os países com os maiores índices de desigualdade social. *“Ainda assim, a dinâmica econômica capitalista só pode ser compreendida, como totalidade contraditória que é, na sua dimensão global”* (p. 14). Contradição essa ligada ao desenvolvimento e dependência de diferentes nações com as grandes economias do mundo capitalista, que mesmo passando pelas etapas de desenvolvimento do capitalismo, as suas relações de dependência com as nações que iniciaram os processos de expansão do capitalismo no século XIX, capazes de determinar os rumos econômicos e sociais dos países periféricos. Posto isso no debate, Mattos privilegia uma questão: *“a das relações entre o desenvolvimento histórico e o quadro atual do capitalismo no Brasil com acumulação capitalista em sua dimensão global.”* (p. 14-15)

Assim, para continuar suas contribuições, Mattos na Nota 2, propõe a discussão sobre a Burguesia Brasileira, da mesma forma que na primeira nota, lança dados e realiza um panorama histórico sobre a classe no mundo e com maior ênfase no Brasil. Classe que integra uma minoria da população mundial, que é *“a parcela 1% mais rica da população mundial detém a mesma quantidade de riqueza que o restante 99%”* (p.41). Disparidade maior ainda é a situação encontrada no Brasil, onde os mais ricos do país, seis bilionários, *“detêm riqueza equivalente à metade da população”* (p. 41).

Notável a questão da burguesia ao debate a se realizar pela esquerda socialista brasileira, Mattos realiza observações importantes sobre a classe no contexto histórico brasileiro, onde traça a trajetória da burguesia na busca por garantir seu poder “econômico, social e político” nas distintas faces do desenvolvimento do capitalismo brasileiro, onde se *“exigiu organização como classe”* (p. 48).

Ao se lançar na discussão sobre o capitalismo e a burguesia brasileira, e sua vontade por poder ao longo do percurso histórico brasileiro, outro elemento é inserido ao debate e que traz consigo considerável influência para as mobilizações da esquerda socialista brasileira, na luta contra as forças de dominação da classe burguesa, por isso *“é preciso tratar da questão do Estado.”* (p. 61). Elemento foco da Nota 3, que propõe contribuições à questão do Estado e às formas de dominação no Brasil.

Inserir o Estado no debate, demonstrar como as relações de dominação da classe burguesa, estão emparelhadas com o Estado e suas ferramentas de coerção é seu objetivo. Nos questiona sobre qual o papel do Estado com suas políticas públicas de apaziguamento ou em muitas vezes de violência intensa contra os movimentos de classe, *“os militantes e movimentos sociais que ousam continuar lutando são cada vez mais tratados de forma policial-penal”* (p.70), ao mesmo tempo em que *“os meios de comunicação de massa e outros aparelhos visam criar consenso em torno da necessidade de violência coercitiva.”* (p. 70). Este é o debate destacado na construção da Nota 3, que contempla o primeiro momento da obra, onde os elementos centrais nos encaminham a compreender a construção da dominação burguesa exercida sobre

a classe trabalhadora no Brasil, a partir das diferentes fases do desenvolvimento capitalista brasileiro.

Após se dedicar nas primeiras Notas ao estudo do capitalismo, da burguesia e do Estado no Brasil, Mattos busca *“entendê-las como parte de uma totalidade – relacional e contraditória – que define mais amplamente as sociedades contemporâneas”* (p. 75). E assim sendo, *“O entendimento dessas relações e contradições exige, porém, buscar compreender também o campo oposto na luta de classes”* (p. 75). Campo oposto esse, formado pela classe trabalhadora brasileira.

Na Nota 4, introduz o debate sobre a classe trabalhadora brasileira (e do mundo), assim, busca entender a formação do proletariado no Brasil, a partir de um processo que combina as características gerais, que são a *“expropriação e formação de uma classe de homens e mulheres que só podem sobreviver pela venda de sua força de trabalho no mercado”* (p. 81). Além da crescente formação da classe trabalhadora no Brasil e no mundo, outra das preocupações discutidas é a da precarização do trabalho e da classe trabalhadora, que enfrenta um crescimento acelerado no número de desempregados no mundo, mesmo que o número de pessoas empregadas tenha crescido no período recente (p. 84), mas isso não soluciona o problema do desemprego, visto que *“tal crescimento, porém, é insuficiente para absorver todos os trabalhadores que chegam anualmente ao mercado de trabalho em busca do primeiro emprego”* (p. 84), panorama que não escapa à realidade brasileira.

Posto ao debate as disputas da “classe trabalhadora contemporânea” (p. 88), discute em relação à precarização das condições de trabalhos enfrentados por diferentes formas de trabalho, seja em *“empregos formais ou informais, precarizados e empregos regulares, assalariados médios e de baixo rendimento etc.”* (p.89). Percebe-se que a classe trabalhadora não é homogênea entre si, as relações de trabalho são distintas, existindo na verdade no interior da classe uma heterogeneidade, não apenas nas condições de trabalho, mas em relação a gênero e raça, essas consideradas por Mattos como *“as heterogeneidades mais importantes a enfrentar no interior da classe”* (p.89).

Ao partir para o debate sobre a heterogeneidade, Mattos busca sinalizar a importância que isso representa para a luta como um todo, sendo que, as condições precárias de trabalho não são enfrentadas por todos que compõem a classe trabalhadora da mesma maneira. Parcelas da classe trabalhadora experimentam níveis maiores de exploração, no caso das mulheres que exercem a mesma função que homens, mas ainda assim, recebem um salário menor, ou nos casos raciais, onde os níveis salariais são ainda mais baixos para os grupos de pretos, pardos e indígenas, chegando mesmo a receberem menos que a metade que um trabalhador branco recebe. (p. 90)

Ainda que esses problemas enfrentados no interior da classe sejam um obstáculo, *“ter em conta a heterogeneidade da classe trabalhadora não significa negar seu potencial como sujeito histórico”* (p. 91). Os diferentes níveis de exploração, ligados a preconceitos, seja de gênero ou racial, existentes dentro da classe trabalhadora, não podem ser ignorados, *“menosprezar as desigualdades que*

atravessam, porém, condenará os socialistas ao fracasso em suas políticas para a ação unificada da classe” (p. 91).

Ao inserir a classe trabalhadora no debate, visando contribuir com a esquerda socialista brasileira, enfatiza a importância da luta contra a exploração burguesa. Mas ao mesmo tempo a luta e resistência no interior da classe trabalhadora, na igualdade de direitos para o Negros, Mulheres e aos LGBTs, assim percebe-se a existência da *“heterogeneidade da classe e das distintas experiências de opressão”* (p. 91). Com isso destaca a importância da unificação da classe como um coletivo, dessa forma, adquire sua maior capacidade: *“o potencial sujeito coletivo de transformação socialista”* (p. 105).

O debate sobre a classe trabalhadora demonstra sua relevância para a esquerda socialista, mas é preciso organiza-la, é assim, que nas notas subsequentes, Mattos irá concentrar-se nas formas de organização da classe trabalhadora, dando maior conotação à classe trabalhadora como movimento de luta coletiva.

Quando intitula a nota 5 como “Organização Política”, sua intenção já está clara, e o foco do debate proposto é na forma política de organização da classe trabalhadora nos aparatos políticos. Manifesta preocupação com os desafios enfrentados pela organização política no Brasil, *“como garantir hoje a construção de uma ou mais organizações cujo norte estratégico continue sendo, como definido no Manifesto.”* (p. 124), apresenta pontos importantes aos quais a esquerda socialista brasileira necessita tratar com cuidado, *“a organização do partido deve ocorrer pela coletividade, respeitando todos os graus de decisões em coletivo, não se afastando do acordo geral com os princípios programáticos e organizativos vigentes e, justamente, o do respeito às decisões coletivas definidas ao fim de cada processo de discussão”* (p. 125). Enfático ao definir que a organização política da classe não pode se restringir apenas à luta parlamentar, por isso é essencial *“organizar a classe a partir de todos os seus espaços de trabalho e sociabilidade é o principal antídoto para o oportunismo e o burocratismo que podem decorrer de uma atuação direcionada apenas à luta parlamentar.”* (p. 128)

A partir das discussões sobre a organização política da classe trabalhadora, manifesta-se a preocupação em relação à mobilização e ação coletiva da classe, como e *“quais os caminhos possíveis para mobilizar a classe e impulsionar sua ação coletiva numa direção que desafie o capital e o Estado burguês”* (p. 133).

Uma das possibilidades, encontra-se nos sindicatos, *“As lutas coletivas de grupos profissionais específicos da classe trabalhadora”* (p. 136), mas ainda assim, possui limitações ao movimento, destaque para dois fatores importantes, o primeiro destaque, *“que decorre de um processo contraditório típico da luta no interior da ordem instaurada pelo capital.”* (p. 136), é o direito de se organizar, mobilizar e negociar com os patrões, como classe, conquistado a partir de muita luta e greve, mas dentro das esferas do Estado, que nutre uma relação estreita com a classe burguesa, algo já mencionado pelo autor nas Notas anteriores.

O segundo, já discutido na Nota 4 é sobre a precarização do trabalho e da classe, pois como já questionado por Mattos, *“cerca de metade da força de trabalho é empregada informalmente no Brasil, não tendo as organizações sindicais muitas*

chances de representá-las” (p.140). Com isso, faz crítica aos sindicatos, que não procuram realizar esforço maior, para unificar a luta, trazendo os trabalhadores informais para o coletivo, trabalhadores que não possuem uma representatividade na reivindicação de melhores condições de trabalho.

Por fim, Mattos em sua última nota, procura lançar uma proposta de programa, mas salienta, “*Seria totalmente descabido, entretanto, concluir estas Notas com uma proposta de programa fechado a ser apresentado para a discussão.*” (p. 153). Como indagou nas notas precedentes, a ação coletiva deve ser o maior ato de mobilização da classe trabalhadora, portanto, “*O programa não pode ser fruto de uma reflexão individual, nem mesmo de debates de pequenos coletivos*” (p. 153).

Propõe na última Nota de sua obra uma reflexão, na qual sua intenção é discutir e contribuir na construção do programa da luta de classes, “*que lhe devem servir de parâmetros, muito mais que arriscar propostas paragramáticas específicas.*” (p. 153), portanto não cabe aqui, destacar suas reflexões finais e contribuições sugeridas ao programa da esquerda socialista brasileira, afinal, é a cereja do bolo.

Podemos concluir que a obra de Marcelo Badaró Mattos, apresenta uma valorosa contribuição ao debate que a esquerda socialista brasileira precisa enfrentar, no livro pode-se ter um bom ponto de contribuição para se reiniciar o debate e a idealização de um novo movimento socialista no Brasil, que respeite os preceitos da coletividade e da democracia popular, visto que a obra publicada no ano de 2017, chega em um momento conturbado da conjuntura política brasileira, sendo que, em um período regente a democracia do país vivenciará um novo golpe, ao realizar o processo de Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff.

Resenha recebida em 10.8.2019

Aprovada em 9.9.2019

